

## **O COLAPSO DO ENSINO LITERÁRIO: TECNOLOGIA, SUPERFICIALIDADE E O DESINTERESSE PELA LITERATURA**

### **ODS (4)**

Felipe Ramos Silvério (Escola SESI Taubaté)

Monise de Carvalho da Silva (Escola SESI Taubaté)

Tiago Erasmo de Moura (Escola SESI Taubaté - Orientador)

Arthur Roque Cesaroni (Escola SESI Taubaté - Orientador)

A era contemporânea, marcada pela fluidez e incerteza descritas pelo filósofo Zygmunt Bauman em sua teoria da modernidade líquida, evidencia uma preocupante precarização do ensino literário nas escolas públicas e privadas. O consumo acelerado de informações e a valorização de entendimentos superficiais impactam diretamente a forma como a literatura é abordada no ambiente escolar. Assim, ela perde seu espaço como instrumento de reflexão crítica e formação do pensamento, tornando-se um conteúdo raso – fenômeno geralmente impulsionado pelo uso excessivo de tecnologias digitais. Essas mídias fragmentam o pensamento dos indivíduos e levam à fadiga mental. A formação de bolhas de consumo dificulta a compreensão da realidade, substituindo a complexidade por futilidades. A problemática se intensifica quando as instituições escolares se aliam a práticas tecnológicas que fragilizam o ensino literário, enfraquecendo o interesse por meios que promovam pensamentos profundos e críticos. Logo, objetiva-se com esta pesquisa verificar se os estudantes de ambientes escolares públicos ou privados possuem a leitura como hábito e compreender o porquê desse hábito não ser efetivamente incentivado pelas instituições de ensino. A metodologia adotada neste trabalho consistiu, primeiramente, em uma investigação de campo quantitativa com os alunos da escola SESI 411 (instituição privada) e da E.E. Roque de Castro Reis [instituição pública], juntamente com a análise de artigos sobre o conceito de modernidade líquida de Bauman, cujos princípios se refletem nos padrões de consumo literário identificados na pesquisa. Portanto, com a análise realizada, percebe-se que o consumo excessivo de informações tornou-se mais valorizado do que o raciocínio lógico e funcional na sociedade atual. Na pesquisa, consolida-se a hipótese de que a leitura não é um hábito entre os jovens, sendo negligenciada não apenas por eles, mas pela escola, que alinha suas práticas com o ritmo superficial das mídias digitais – frequentemente substituindo obras físicas por recursos tecnológicos utilizados de forma não crítica, os quais, em grande parte, privilegiam conteúdos voláteis e rasos, comprometendo a formação crítica e reflexiva dos estudantes. Diante desse cenário, torna-se urgente uma avaliação sobre a crise educacional em uma sociedade cada vez mais líquida e tecnológica, de modo que a pedagogia possa reavaliar suas práticas. É necessário que a escola, por meio dos pedagogos e demais especialistas envolvidos com a leitura, retome o seu objetivo de

promover o consumo de meios que incitem questionamento e autonomia, assumindo uma posição contra a substituição acrítica de obras literárias por tecnologias que comprometam a formação de um pensamento crítico. Dessa forma, reafirma-se o papel essencial na formação de sujeitos capazes de lidar com os desafios da contemporaneidade. Somente com tais ações haverá reações efetivas à atual realidade, em que o ensino evidencia seu colapso ao aprovar de forma acrítica a implementação de tecnologias no ambiente escolar, afastando-se de seu compromisso de proporcionar uma formação intelectual profunda aos estudantes.

**Palavras-chaves:** Literatura; Modernidade Líquida; tecnologia; Educação.